

DA FÁBRICA QUE FALECE À CIDADE DE LISBOA: FRANCISCO DE HOLANDA ENTRE OS MIRABILIA E OS GUIAS TOPOGRÁFICOS DE ROMA.

Cristiane Maria Rebello Nascimento (UNIFESP)

Assim como os demais escritos de arte de autoria do iluminador, arquiteto e pintor Francisco de Holanda, o brevíssimo *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*¹, datado de 1571, permaneceu inédito até fins do século XIX. O manuscrito original que está depositado na Biblioteca Nacional da Ajuda, pertenceu ao conde do Redondo, cuja biblioteca foi comprada por D. José entre os anos de 1762 e 1777 (fig. 1). Um dado pitoresco a respeito do manuscrito é que ele permaneceu no Rio de Janeiro, de 1807 a 1822, retornando a Portugal junto com a Corte; foi certamente nesta ocasião que aqui chegou também a pintura de uma Santa Ceia (têmpera sobre pergaminho, com o texto da uma iluminura no verso), em cuja ficha catalográfica do catálogo do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, consta a atribuição a Francisco de Holanda².

Embora conte com 5 edições impressas, uma delas fotográfica e outra fac-similada, *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa* teve uma fortuna crítica bem menor que *Da Pintura Antiga* (1548), e, em particular, que a segunda parte dele, *Os Diálogos em Roma*. Considera-se que *Da Fábrica* forme um todo com outro tratado de Holanda, escrito no mesmo ano e igualmente dedicado a D. Sebastião, *Da Ciência do Desenho*, datado do mesmo ano de 1571. *Da Fábrica*, contudo, acabou por ser mais conhecido, uma vez que, nele, Holanda exemplifica graficamente o principal mote de *Da Pintura Antiga*, vale dizer, o da necessidade de renovação das artes portuguesas com base nos modelos da antiguidade romana e nos modelos italianos modernos.

Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa não é propriamente um tratado de arquitetura, mas uma admoestação ao rei D. Sebastião a propósito da importância de dar à cidade uma condição à altura do império marítimo português (fig. 2). Na “Lembrança ao muito sereníssimo e cristianíssimo Rei D. Sebastião sobre a fortificação e reparo de Lisboa”, que abre o tratado, Holanda incita o rei a seguir o exemplo de seus antecessores, em particular, o de seu avô, D. João III, oferecendo para tanto seus serviços e seu talento, não sem se lamentar do esquecimento em que foi deixado:

Mas por não ser ingrato à gloriosa memoria de El-Rei vosso avô, que Deus tem, que me mandou sendo eu moço a Itália ver e desenhar as fortalezas e obras mais insignes e ilustres dela (como fiz), trazendo-lhas todas em desenho, com muito trabalho, cuidado e perigo meu, para o servir quando cumprisse: já que por culpa do tempo nunca se aproveitaram de mim, em muitas obras em que pudera servir este reino como o pequeno talento meu, determinei, ainda que ando ao presente mui longe destas coisas, de deixar antes de minha morte a Vossa Alteza, muito sereníssimo Rei e Senhor, esta breve lembrança da fortificação e reparo de Lisboa, que tão pouca conta com isso tem e que tanto lhe releva: assim para o serviço vosso, como para a quietação e paz destes reinos³.

Como se pode depreender do trecho citado, Holanda propõe uma reestruturação urbanística de Lisboa segundo os modelos antigos e modernos que viu, mediu e desenhou com as próprias mãos durante sua viagem a Itália, entre 1538 e 1541. Desenhos esses que

¹ HOLANDA, Francisco. *Da Fabrica que falece à cidade de Lisboa*, org. José da Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1985.

² *O Museu Nacional de Belas Artes*, São Paulo, Banco Safra, 1985, p. 224-25, tomo n. 2505.

³ HOLANDA. *Da Fabrica que falece à cidade de Lisboa*, 1985, fl. 3r e fl. 3v.

foram reunidos por ele próprio no *Livro das Antigualbas*, cujo manuscrito original encontra-se depositado, desde o fim do século XVI, na Biblioteca do Escorial, em Madrid. A breve “lembração da fortificação e reparo de Lisboa” que Holanda oferece ao Rei não se restringe a recomendações prescritivas, mas vem acompanhada de 31 desenhos da mão do próprio Holanda, que não devem ser tomados apenas como ilustrações de suas recomendações, mas antes como projetos arquitetônicos inéditos para o Rei se servir “em o presente, ou para o tempo que está por vir”⁴. Este aspecto inusitado de *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa* passa em geral desapercibido, uma vez que nenhum dos projetos foi encomendado, ou esteve próximo de ser executado. Quer dizer, Holanda produz os desenhos da *Fábrica* a título da intenção de reconstruir Lisboa, que ele atribui a D. João III:

Ora El-Rei vosso avô de gloriosa memória, quem duvida que, se o não atalhara a morte, que houvera de fazer grandíssimas obras em Lisboa? Como me dizia quando vim da Itália: assim na Fortaleza do Castelo, como em trazer a água de Belas, como em outras muitas obras, o que se pode bem conjecturar somente em o começo da Fortaleza de S. Gião [S. Julião] e dos Paços que em Enxobregas vos deixou começados para os Vossa Alteza acabar, com tudo o mais que a Lisboa falece⁵.

A comparação que faz de si próprio com o arquiteto Dinócrates no início do tratado tem implicações mais precisas que apenas a de se apresentar como artista qualificado aos olhos de D. Sebastião: “Por onde (se cumprira ou houvera para quê), não deixara de competir com aquele valoroso Dinócrates, arquitecto de Alexandre o Magno, quando, querendo figurar o Monte Athon em forma de homem, edificou a cidade de Alexandria, em Egipto⁶”. De acordo com Vitruvius, Dinócrates, buscando o reconhecimento e o patrocínio de Alexandre, o grande, apresenta-se ao rei sem maiores recomendações do que a certeza da qualidade de suas idéias e de seu talento⁷. É de forma análoga que Holanda se apresenta a D. Sebastião, na esperança de que as lembranças por ele concebidas fossem usadas na edificação, reparo e ornamento de Lisboa, o que parece nunca ter ocorrido⁸. Afora os esboços de traças da *Fábrica*, Holanda atribui a sua autoria --, como se lê em *Da Ciência do Desenho* --, mais um único projeto arquitetônico, a Fortaleza de Mazagão⁹. J. B.

⁴ Ibidem. fl. 4r.

⁵ Ibidem. fl. 5r.

⁶ Ibidem. fl. 3v.

⁷ VITRUVIO. *De Architectura*, Massachusets/London, Harvard University Press, 1998, II, 1-4.

⁸ BURY, J. B. “Two notes on Francisco de Holanda”, In: *Warburg Institute Surveys*, VII, The Warburg Institute/ University of London, 1981, p. 42: “There is no evidence that any of the designs in *Da Fabrica* exercised direct influence on any actual construction”.

⁹ HOLANDA, F. *Da ciência do desenho* (1571), org. José da Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, V, p. 32-33: “Assim como se serviu de mim El-Rei e o Infante na fortaleza de Mazagão, que é feita por meu desenho e modelo, sendo a primeira força bem fortalecida que se fez em África, a qual desenhei, vindo de Itália e de França: de desenhar por minhas mãos e medir as principais fortalezas do mundo (mas a de Mazagão não se fez de tijolo, como a El-Rei e ao Infante avisei; eles saberiam o porquê); como é a fortaleza do Bastião Novo de Roma que fazia o Papa Paulo contra o Turco; a força ou fortaleza de Florença que é a melhor obra de Europa; a fortaleza que se fazia em Santelmo de Nápoles, que a de Castel-Novo que tem defronte é de pedra mui lavrada e rica de escultura; a de Civita Castelhana, a de Milão, a de Ferrara, e a de Niça, e as de Génova nobilíssimas, e a de Cerzana, e a de Ancona, e as Portas de Pádua, onde vi o nosso António de Lisboa; e a de Pesaro, onde fui preso do capitão por suspeitar que a desenhava, e posto em perigo de morte, por servir El-Rei, que Deus tem, vosso avô. Não faço aqui caso das forças de França nem de Fonte Rabia e Salssas, ainda que também as desenhei: por serem de pedra e menos fortes”.

Bury, no entanto, afirma não ter restado nenhuma evidência documental que a comprove¹⁰. O que se pode atribuir com segurança a Francisco de Holanda são os tratados e um corpus de obras gráficas significativo, composto pelos 113 desenhos do *Livro das Antiquallas*, os 31 *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, os 154 do *Aetatibus mundi Imagines*, mais os 23 esboços na marginalia do exemplar do *Epigrammata antiquae urbis* (1521), de Jacopo Mazzochius, o mesmo que lhe serviu de guia na viagem a Roma, e cuja descoberta devemos a professora Sylvie Deswartes¹¹. É tentador pensar que a escassez das encomendas reais a Francisco de Holanda e as reiteradas queixas advindas daí se devessem ao fato de que ele fosse tomado na corte mais por cortesão do que por artífice. Não há, contudo, nada que corrobore esta hipótese, além do retrato que faz do perfeito artista no tratado *Da Pintura Antiga*.

Pouco se conhece da formação de Holanda durante sua juventude em Évora, mas é sabido que lá se reuniam em torno da corte de D. João III os mais importantes humanistas portugueses. A crer no que nos conta o próprio Holanda, em sua viagem a Itália, privou não apenas com artistas de primeira grandeza, como Michelangelo e Serlio, mas com eruditos, prelados e cortesãos. É certo que teve formação humanista, sendo prova inegável dela os seus tratados. Neles, Holanda demonstra familiaridade com inúmeros autores antigos, assim como com as normas de composição de vários gêneros letrados.

Se os tratados anteriores de Holanda apresentam a forma definida ora do tratado propriamente, como é o caso de *Da Pintura Antiga*, ora do diálogo, como é o caso de *Diálogos em Roma* e de *Tirar polo natural*, cabe considerar que *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, assim como *Da Ciência do desenho*, tomam a forma mais livre de uma admoestação, ou censura ao rei quanto ao estado de abandono das artes, com uma notável acentuação dos efeitos políticos e morais deste abandono, isto é, relativos à conservação e saúde do reino.

Outro aspecto importante a ser pensado nesses dois tratados refere o âmbito espiritual do reino: o cuidado com as artes e com a conservação política o Estado deve ser precedido do cuidado com a “cidade da alma”, pois “havendo de tratar da fortificação da cidade material de Lisboa, parece razão dizer alguma coisa primeiro do que mais releva, que é reedificação da cidade espiritual de nossa alma; porque sem esta estar fortalecida e guardada, em vão trabalha quem vela e guarda Lisboa¹²”. Ao adotar um tom pio, sinal da regulamentação pós-tridentina das artes e do decoro exigido na corte de S. Sebastião, Holanda buscava evitar o mesmo tipo de acusação sofrida por Bramante pela reconstrução da basílica de S. Pedro no diálogo *Scimia* (1517), de Guarna da Salerno, ou seja, a de restaurar a igreja de pedra e não a espiritual¹³.

À maneira dos *Mirabilia Romae*, o primeiro capítulo de *Da Fábrica*, intitulado “Da

¹⁰ BURY, 1981, p. 41-42: “Francisco claimed that he was responsible for this classic example of a mid-sixteenth-century citadel-fortress, telling us that he made a design and a model for it (item K 7 above), but no evidence survives to clarify to what extent, precisely, Francisco’s plans were followed. The extant structure was built 1541-42 by the Royal master of the works João de Castilho following the instructions of Benedetto da Ravenna, military engineer to the Emperor Charles V, whose services were lent by the later to his brother-in-law D. João III for the purpose. It is certain, firstly, that Francisco did not go out to Mazagão, secondly that Benedetto – together with Manuel da Arruda, who became Master of Fortifications of the Realm in 1548, and Diogo da Torralva (see 3(d) below), in concert with the local military commanders – chose the site, and thirdly that the defences were built of brick (D 5).

¹¹ DESWARTES, Sylvie. “Contribution à La connaissance de Francisco de Hollanda”, In: *Arquivos do Centro Cultural Português*, VII, 1973, pp. 421-30.

¹² HOLANDA. *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, 1985, cap. 2, fl. 6r.

¹³ SALERNO, Luigi. Roma Communis Pátria, Bologna, Cappelli Editore, 1968, p. 52.

Antiguidade de Lisboa e das obras que nela e em Portugal fizeram os romanos e depois os nossos reis”, discorre primeiramente a respeito da história mítica da fundação da cidade e do reino, cujas origens estariam ligadas à descendência de Noé. Às fábulas da antiguidade de Lisboa já compiladas dos autores antigos por Damião de Góis em *Descrição de Lisboa (Urbis Olisiponis Descriptio)*, de 1554¹⁴, Holanda acrescenta a menção às supostas evidências materiais de edificações anteriores à chegada dos romanos:

De Luso, antiquíssimo rei dos Brigos, tomou o nome Lusitânia. A quem os antigos Galos, que ao Porto vieram, chamaram Portugal. E primeiro reinou Tubal, dos bisnetos de Noé, em Espanha; e Tago, que deu o nome ao nosso rio Tejo. Depois afirma Júlio Solino e outros antigos, que Ulisses, vindo da Guerra de Tróia, edificou Lisboa, que foi quase no tempo de Abido rei de Espanha. E parece razão que já nos montes onde hoje Lisboa está assentada, deviam alguns Pescadores daquele tempo daquele tempo ter algum vestígio de alguma pobre povoação. Deixo a fábula que se conta do Mosteiro de Chelas, donde dizem que Ulisses levou Aquiles que em trajo de mulher, Tétis sua mãe ali tinha escondido e encantado, o qual é fabuloso. Mas o que se tem por verdade que Lisboa, quer a fundasse Ulisses, quer Hércules grego, quer outro capitão grego ou cartaginês (por que o certo não se sabe certo) que ela é mais antiga que Roma. Porque Viriato, capitão português ilustríssimo, e Sertório romano, e Júlio César, que a Lisboa pôs sobrenome Felicitas Julia, todos a acharam já feita antiga e velha mais que Roma¹⁵.

A exaltação da antiguidade de Lisboa é um *topos* retórico que dignifica a cidade, pois como diz André de Resende em sua *História da Antiguidade da Cidade de Évora* (1540-43):

Et certo que la teem ha antiguidades hũa sua graça & maiestade, per que de todos se faz têr en reverencia. Onde veem que hos povooos tanto se hêa por de maior dignidades, quanto se podem môstrar por de mais longa antiguidade (fol. 4v.5).

Em sintonia com o interesse dos humanistas italianos pela epigramata Latina, a *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, de André de Resende, pode ser descrita em parte como compilação das inscrições latinas reunidas pelo humanista português em suas constantes escavações em Évora. Mas sua *História*, e conseqüentemente suas descobertas epigráficas, para além do gosto erudito e antiquário, estão à serviço de um programa político de exaltação do império português, cujo modelo deve ser buscado nos textos dos *Mirabilia Romae* do séculos XV e XVI, como por exemplo, no *De Fortunae Varietate* (1448), de Poggio Bracciolino; na *Roma Instaurata* (1444-46), de Flavio Biondo; nos *Excerpta*, de Pomponius Leto; e no *Opusculum de Mirabilibus Novae et Veteris Urbis Romae* (1506-09), de Francesco Albertini, encomendada ao autor por D. Manuel. Guardadas as especificidades de cada obra no que toca a observação direta dos restos arquitetônicos e da coerência dos percursos topográficos, sendo o texto de Poggio o que mais se aferra às evidências materiais¹⁶, observa-se que, a partir do século XV, os *Mirabilia* buscarão documentar com maior rigor topográfico e epigramático os itinerários de peregrinação aos principais monumentos pagãos e cristãos da cidade, os quais, na tradição medieval dos *Mirabilia*, eram acompanhados de histórias fabulosas e míticas. Refiro-me à série de *Mirabilia* iniciada pelo

¹⁴ GÓIS, Damião. *Descrição da Cidade de Lisboa*, ed. José da Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, pp. 34-35.

¹⁵ HOLANDA. *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, 1985, cap. 1, fl. 4r e fl. 4v.

¹⁶ VISCOGLIOSI, Alessandro. “Roma riconosciuta. Dallo Studio delle rovine all’idea di Roma Antica”, In: *La Roma di Leon Battista Alberti. Umanisti, architetti e artisti alla scoperta dell’antico nella città Del Quattrocento*, a cura di Francesco Paolo Fiore, Ginevra- Milano, Skira, 2005, pp. 69-70.

Codex Einsiedeln n. 326, do período de Carlos Magno, a saber: o *Mirabilia Urbis Romae*, datado do século XII, atribuído a Benedetto Canonico, e a sua tradução para o italiano, *Miracole Roma*; o *Ordo Romanus Benedicti*, igualmente de Benedetto Canonico, que traça um percurso pelas igrejas de Roma a partir de uma lista descritiva das principais cerimônias que compõem o ano litúrgico; o *Graphia Urbis Romae*, do século XIII; o *De Mirabilibus Urbis Romae* (século XIII), de Magister Gregorius; e finalmente o *Tractatus de Rebus Antiquis et Situ Urbis Romae*, também conhecido como o Anônimo Magliabechianus, datado de 1411.

Tornando à *Fábrica*, nota-se que também Holanda enumera de maneira genérica e breve as maravilhosas edificações romanas e cristãs espalhadas pelo reino, colocando suas observações topográficas e antiquárias sempre a serviço da admoestação que faz ao rei do descuido em que se encontra Lisboa. Os passos mais esclarecedores são os seguintes:

E naquele tempo em que (depois dos Cartagineses) os Romanos tomaram Lisboa por Guerra, quando era gentia, a ornaram de mui nobres edifícios, fábricas, muros condutos de águas, estradas e pontes, e de outras nobilíssimas memórias a enobrecendo e ornando, como se hoje em dia vê em alguma parte os indícios e vestígios e letras latinas e colunas e pedras, e cipos que o demonstram; e assim como as estradas e pontes que iam de Lisboa até Roma, como eu as vi” (...). “E pois que os gentios, sendo Lisboa gentia, tanto a honraram e os Romanos de tão longe sendo estrangeiros tinham cuidado dos seus edifícios e nobreza (...). “Ora depois que os Romanos foram senhores de Lisboa quase seiscentos anos co”mo mostram as Crônicas das Mémoires de Espanha, até que os reis godos vieram tomar Espanha; e que os godos já cristãos, e depois os mouros a senhorearam com Espanha; e que tornou a ser nossa: bem se sabe como El-Rei Dom Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, a enobreceu com a fábrica da Sé e com o Mosteiro de São Vicente de Fora, e outros edifícios e torres. E assim os outros reis todos: Dom Dinis, Dom João da Boa Memória, Dom João o segundo, quem fez a nobre fábrica do Hospital e outras. E o felicíssimo rei vosso bisavô, El-Rei Dom Manuel, que com o triunfo e vitória da Índia quase a renovou de todo, cercado-a da parte do mar com o cais que a rodeia e Paços, muito melhor do que pela terra a tinha cercado El-Rei Dom Fernando com o seu muro de argamassa, que foi uma grande obra, e assim mesmo com o sumptuoso Mosteiro de Belém e Torres, e com a Misericórdia¹⁷.

O caráter topográfico e epigramático dos *Mirabilia* não se restringe às antigualhas mencionadas por Holanda. Estende-se igualmente às descrições dos reparos e ornamentos necessários à cidade de Lisboa, divididas em 10 lembranças de edificações, que recomendam desde a construção de muros e fortificações até a construção da Capela do S. Sacramento, que Holanda considera ser a obra “de maior importância que todos os que até aqui tenho lembrado¹⁸”. Ele as tratará na seguinte ordem: 1. Do Castelo e Bastiães e Muros que convém a Lisboa; 2. Da Fortaleza de Belém e S. Julião e Baluartes; 3. Dos Paços de Enxobregas e parques; 4. Da Água Livre; 5. Das Pontes e Calçadas Públicas de Lisboa; 6. Das Cruzes e Miliários; 7. Dos cipos do Sol e da Lua; 8. Da Igreja de S. Sebastião; 9. Da Capela em louvor do S. Sacramento; 10. Da Custódia do S. Sacramento.

A reestruturação urbanística proposta por Holanda se organiza a partir de um itinerário ou *periegesis* não apenas topográfico, mas moral: adentra a cidade de Lisboa a partir de seus muros e das margens do Tejo, percorre primeiramente as obras públicas e encerra-se nas obras pias. A primeira lembrança ou recomendação de Holanda é a de que o rei fortaleça a cidade de Lisboa “de novo castelo e de muros e de torres, e portas e baluartes e

¹⁷ HOLANDA. *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, 1985, cap. 1, fl. 5r e fl. 5v.

¹⁸ *Ibidem*. cap. 11, fl. 28 v.

de bastiões, ao modo das fortalezas modernas” (fig. 3); ou, ao menos, que mande “reparar e remendar os velhos”¹⁹ [muros], o que desaconselha, muito embora considere que “os velhos [muros] que lhe fez El-Rei Dom Fernando sejam a seu modo honestamente fortes pela boa argamassa e entulhos que tem (que foi a melhor obra que nenhum Rei fez em Lisboa depois das igrejas)”²⁰.

Holanda toma da Itália o exemplo de como Lisboa deveria ser fortificada. Suas cidades, como pode ele mesmo constatar “são as mais fortes e inexpugnáveis da Europa”; em Roma, “de que se deve tomar em tudo o primeiro exemplo nas obras da virtude, como cabeça da católica Igreja”, Holanda vai buscar o modelo de fortificação a ser imitado. Trata-se do “bastião no Monte de Santa Sabina, que fez o Papa Paulo III, creio por desenho de António da Sangallo, arquitecto eminentíssimo” (fig. 4). Holanda atribui a essa edificação uma novidade moderna que faria dela a fortificação mais poderosa do mundo: a substituição da pedra pelo tijolo, “porque têm a pedra por obra mui fraca para a bateria das bombardas”. Tal novidade diz ter sido empregada também na fortaleza de Mazagão, cujo desenho atribui a si próprio.

Além do reparo das fortalezas de Belém e de S. Julião, Holanda recomenda que sejam construídas duas outras fortificações em Lisboa, que deveriam ser rasas e baixas: uma fazendo face à de Belém, e outra “no meio da cabeça onde arrebenta o mar dos cachopos, que responde mais fronteiro a S. Julião. Os desenhos de Holanda revelam outras particularidades desse tipo moderno de fortificação, como as paredes mais baixas e os bastiões poligonais em lugar dos torrões tradicionais, as quais serão descritas mais tarde, segundo J. Bury²¹, pelo engenheiro florentino Buonaiuto Lorini, em seu tratado *Delle fortificationi libri cinque*, de 1596.

A segunda construção importante que falta à cidade de Lisboa, segundo Holanda, é um Palácio digno do rei (fig. 5). Diz ele: “vejo que Vossa Alteza não tem casas em Lisboa dignas de sua pessoa, por onde mora agora na Ribeira, ora nos Estãos, ora em Santos Velhos, que não são lugares de Reis, sem ter onde reclinar a cabeça nesta grande cidade”²². Holanda sugere que Dom Sebastião construa um palácio no local do “Castelo de Lisboa” (Castelo de S. Jorge), que é um sítio de vistas e ares excelente”, devidamente protegido de muros e ricamente decorado, “com uma capela pintada, e com salas e câmaras de estuque ou pintadas sobre bordo, ou a fresco: como é costume dos Reis antigos e modernos”. E se acaso parecesse ao rei “muito ter dobrados Paços, ou ser pesada Lisboa, de ser amigo da liberdade e do campo e da caça do monte”, Holanda recomenda que acabe os Paços de Enxobregas, e os decore com pinturas heróicas, a partir de desenhos que ele próprio forneceria, e ainda que “cerque meia légua de terra dali até Chelas e até além de S. Bento e faça um parque”²³ (fig. 6).

Para assegurar saúde e magnificência adequada à presunção de Lisboa de ser “a maior e a mais nobre cidade do mundo”²⁴, o rei deveria cuidar de reconstruir igualmente as maravilhosas edificações públicas deixadas pelos romanos. Primeiramente o aqueduto da Água Livre (fig. 7), a exemplo de D. João III, que trouxe novamente a “Évora a água da

¹⁹ Ibidem. fl. 7v.

²⁰ Ibidem. fl. 12r.

²¹ BURY, John. *The Italian Contribution to Sixteenth-Century Portuguese Architecture, Military and Civil*. In LOWE, K. J. P. *Cultural links between Portugal and Italy in the Renaissance*, Oxford, Oxford University Press, 2000, pp. 77-108.

²² HOLANDA. *Da Fabrica que falece à cidade de Lisboa*, 1985, fl. 14v.

²³ Ibidem. fl. 15r e fl. 15v.

²⁴ Ibidem. fl. 17r.

Prata, perdida no tempo de Sertório, capitão romano” (...) “com que a cidade é muito mais sadia e enobrecida do que era dantes”. Para tanto, Holanda oferece o desenho de um chafariz com quarto elefantes, que levaria água até o Rossio (fig. 8), ou então até a Ribeira (fig. 9), como desejava D. Luís, para dar de beber às naus que vinham da Índia. A associação da figura do elefante ao motivo da fonte é uma clara citação da fonte da Villa Medicis, também conhecida como Villa Madama, obra atribuída ao discípulo de Rafael, Giovanni da Udine (fig. 10).

Holanda aconselha também que sejam reedificadas as ruínas das três pontes deixadas pelos romanos -- sobre o rio Sacavém, sobre o Tejo, e outra em Santarém, acima de Abrantes, a qual o Infante Dom Fernando já tencionara reedificar --, assim como as “estradas e calçadas de que Lisboa está tão descalça²⁵”. Quanto às calçadas de pedra preta construídas pelos romanos, Holanda as considera a “maior obra que os homens antigos fizeram nem modernos farão”, porque todas elas “iam parar como em centro no meio da praça de Roma a-par do Coliseo ou Anfiteatro, onde estava a meta que se chamava *umbilicus urbis*²⁶”. Ambas as obras públicas romanas têm sua magnificência acentuada pelo atestado de veracidade de coisa vista durante a viagem de Holanda à Itália e não de coisa fabulosa. Ao longo de seu itinerário de Lisboa a Roma, Holanda percorre as antigas estradas romanas e depara com outras antigas edificações:

E não pudera eu crer esta coisa se quando parti de Lisboa indo a Roma, logo em Sacavém não achara a via romana e a ponte quebrada no rio e nas charnecas de Montargil, ali onde chamam Mestas, as calçadas de *scilice*, e em Castela nos barcos d’Alconete e na antigualha de Capara, e depois em Aragão, Lérida e Catalunha; e depois em França na cidade de Nîmes, onde está o famosíssimo anfiteatro e memórias dos antigos; e depois em o foro de Júlio em Provença e em Antibo e nos Alpes e porto de Ligúria e Toscana, sempre achando a mesma calçada que achei saindo de Lisboa até entrar em Roma²⁷.

Ainda no que diz respeito a exemplos de obras públicas romanas, Holanda aconselha ao rei que mande substituir os velhos e gastos letreiros de madeira do reino, que informam o viajante sobre os caminhos e lugares públicos, por cruces de pedra, seguindo nisto também o exemplo dos antigos e do cardeal, seu tio, “que de cruces de mármore de Estremoz ornou todas as saídas e entradas” de Évora. Após alertar o rei “que não é pecado algum imitar os antigos, (por cujas leis nos governamos e regemos) também em a polícia e regimento de ornar as obras públicas em sua perfeição”, Holanda prossegue seu arrazoado a propósito dos vestígios antigos com a sugestão ao rei de uma obra que os moralizasse: os cipos e os pedestais, erigidos por eles em memória dos antigos imperadores romanos e dedicados ao Sol e à Lua, deveriam ser convertidos em embasamentos para as Cruces “em louvor e memória do verdadeiro Sol de justiça, Jesus Cristo, e da verdadeira e sempre cheia de Graça Santa Maria Nossa Senhora²⁸” (fig. 11 e 12).

Holanda passa então às obras pias, com as quais encerra sua admoestação *periegética* através de uma Lisboa imaginária. São elas: a finalização da construção e da decoração da Igreja dedicada a S. Sebastião (fig. 13); a edificação de uma Capela em honra do S. Sacramento (fig. 14) e a execução de uma Custódia (fig. 15) e de um Sacrário do S. Sacramento (fig. 16 e 17), cujos desenhos remetem a modelos arquitetônicos antigos e

²⁵ Ibidem. fl. 20r.

²⁶ HOLANDA. loc. cit.

²⁷ Ibidem. fl. 20v.

²⁸ Ibidem. fl. 24v.

modernos que Holanda viu e desenhou quando de sua estada em Roma. Notadamente, a planta do antigo Templo de Baco, reestruturado como igreja dedicada a S. Costanza (fig. 18), e as plantas circulares de Bramante para o Tempietto da igreja de S. Pietro in Montorio, para a cúpula da basílica de S. Pietro e para o nicho do Belvedere, no Vaticano (fig. 19). Mais do que todas as lembranças anteriores, será à promoção essas obras que Holanda vai atribuir a perpetuação e o elogio da memória da *persona ficta* do rei enquanto modelo exemplar e perfeito de governante católico, cujo retrato Holanda diz ter pintado “na figura de Alexandre”, o grande²⁹.

Imagens



Fig. 1



Fig. 2

²⁹ Ibidem. fl. 28v.

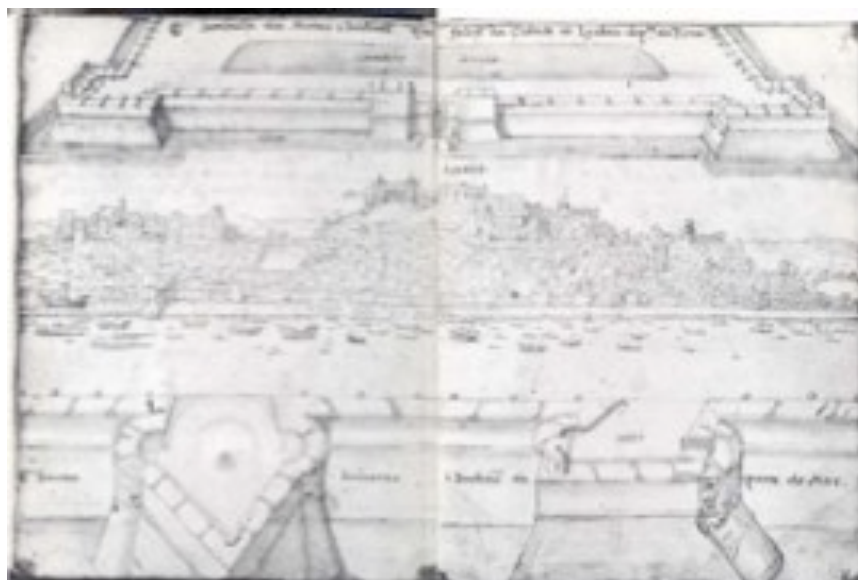


Fig. 3



Fig. 4

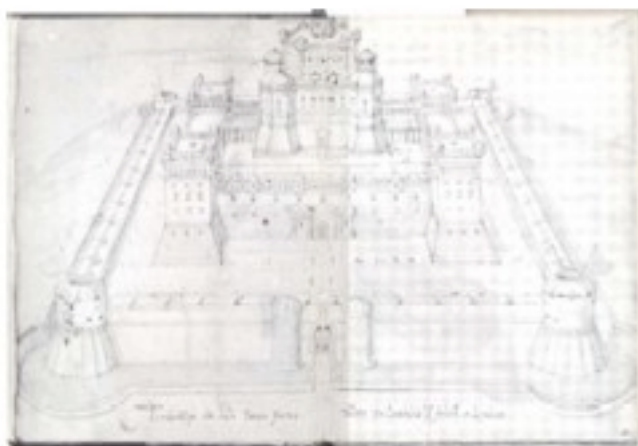


Fig. 5



Fig. 6

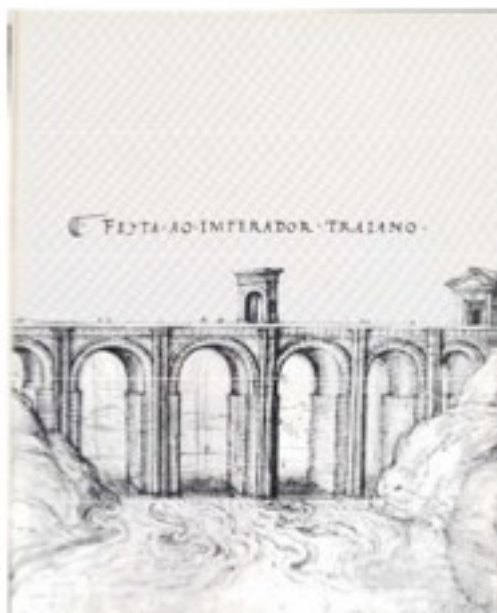


Fig. 7



Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10



Fig. 11



Fig. 14

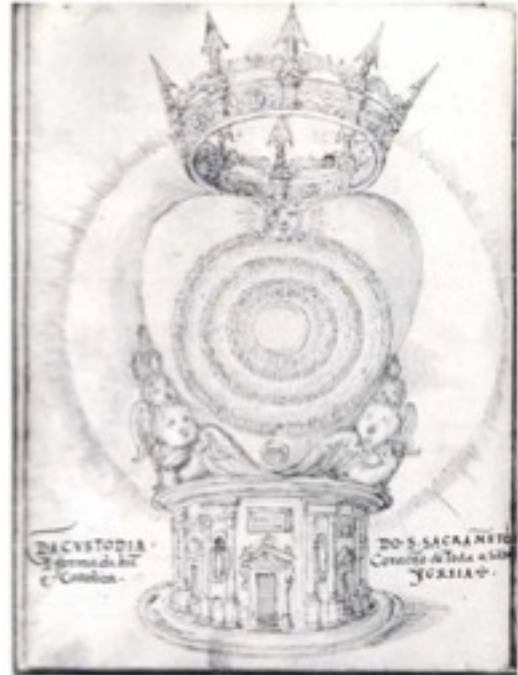


Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18



Fig. 19